

Economia dá primeiros sinais positivos

Inflação deve cair em agosto, dólar está estável e cesta básica sobe menos

PEDRO CAFARDO

Se não estivesse envolvida na complicada negociação do abono salarial, a equipe econômica do governo poderia ter tirado algumas horas da última semana para comemorações. Pela primeira vez desde o conturbado início de governo, a economia dá sinais positivos e começa a se espalhar pelo País a sensação de que o Plano Collor tem chances de dar certo.

Ficou claro, nestes dias de inverno, que a expectativa em relação à inflação mudou para melhor. No mercado futuro do BTN, os investidores passaram a trabalhar com a hipótese de uma inflação abaixo de 11% em agosto — antes, previam 15%.

Essa mudança baseou-se em fatos concretos. Apesar das liberações de preços de produtos essenciais, a cesta básica teve reajustes semanais muito pequenos, segundo levantamento do insuspeito Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). No início de julho, logo após as liberações, o aumento semanal foi de 6,3%, índice reduzido para 0,2% na última semana.

Em bom economês, aconteceu nesta segunda quinzena de julho o que se chama de “reversão de expectativas inflacionárias”. A nova fase foi saudada exatamente com essa expressão por uma das mais conhecidas cartas de conjunturas de São Paulo, que é editada por uma grande empresa de varejo e circula reservadamente entre os formadores de opinião com a recomendação de não ser citada por jornais e revistas.

Dar certo, na atual fase da economia do País, significa basicamente manter a inflação estabilizada. Não há garantias de que isso vai acontecer, porque a qualquer momento podem ser tomadas medidas equivocadas. Ninguém contesta, porém, o fato de que o governo retomou o controle da economia e os instrumentos de pilotagem já respondem às decisões da cabine. “O Plano já atingiu seu objetivo de eliminar a espiral das expectativas inflacionárias”, diz o economista Paulo Rabello de Castro, diretor da RC Consultores.

A estabilização da inflação é o principal sinal verde da economia na fase atual. Mas há outros. As cotações do dólar no mercado paralelo, por exemplo, permanecem inalteradas há mais de um mês. Além disso, o Tesouro conseguiu equilibrar suas contas, os juros caem, as reservas cambiais aumentam e há um alentador início de conversa com o FMI e os credores externos (ver página 4).

Escaldados pelo fracasso dos planos anteriores, os economistas esbanjam cautela ao analisar os sinais positivos dos últimos dias. Os elogios são em geral comedidos e sufocados por uma lista de perigos que ainda ameaçam o sucesso do Plano Collor. O presidente do Sindicato dos Economistas de São Paulo, Sideval Aroni, lembra que ainda não foi definida a política de financiamento da próxima safra. Sem crédito, os agricultores poderão reduzir o plantio, o que fará cair a produção de alimentos e aumentar os preços. Seria o choque agrícola, uma das maiores ameaças para o próximo ano.

O professor de Economia da FGV de São Paulo Yoshiaki Nakano chama a atenção para o problema dos salários. “Estão muito comprimidos”, afirma, e de uma forma ou de outra terão de ser reajustados

daqui a algum tempo. Até agora, o governo conseguiu evitar a volta dos reajustes automáticos de salários, propostos pelo Congresso. Nakano acha, porém, que seria melhor para a economia se fosse definida uma regra de reajuste, porque a situação atual está provocando enormes desequilíbrios. “Um empresas dão 10% ao mês, outras 20% e outras nada”, diz.

Os riscos de volta da inflação, na opinião de Nakano, têm muito a ver com a própria estrutura oligopolizada da economia. Quando alguns grupos e cartéis têm condição de determinar seus preços, afirma o professor, o controle do déficit e a política monetária apertada não são suficientes para manter a inflação controlada. A solução, portanto, seria abrir efetivamente o mercado para produtos importados. “A nova política industrial foi apenas um começo”, opina Nakano.

A própria abertura do mercado à concorrência externa já sofre um razoável bombardeio interno. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) divulgou sexta-feira um trabalho onde alerta para os riscos dessa abertura num período de recessão. Cita experiências da Argentina e do Chile para lembrar que a indústria nacional corre o risco de perder a corrida para os concorrentes estrangeiros, com efeitos negativos para o nível de emprego interno.

Por todas essas ameaças, o próprio professor Rabello de Castro, que está muito otimista com o quadro atual, sugere que “é preciso ter cautela e esperar mais resultados”. A economia, de qualquer forma, vive o seu melhor momento desde o grande confisco de cruzados novos de 16 de março. Até a caderneta de poupança, que parecia ferida de morte na concorrência com o dólar, voltou a atrair investidores.